



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física
Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

INVENTÁRIO DAS CONDUTAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Silvana Reis dos Anjos CEFD/UFES
Sandra Soares Della Fonte CEFD/UFES

RESUMO

O artigo discute as formas que as relações de poder assumem no espaço escolar. Para tanto, evidencia os resultados de uma pesquisa realizada em uma escola de ensino fundamental do município de Serra (ES), na qual realizamos um inventário das condutas a partir do aporte metodológico do estudo de caso etnográfico. Em decorrência de nosso percurso teórico, tomamos como referência os estudos de Michel Foucault que tratam da noção de governo. Ao focar relações de conduta na instituição escolar, atentamos para o exercício da dominação, mas ajustamos nosso olhar a fim de captar aquelas que apontam para o exercício da liberdade.

Palavras chave: Relações de poder. Escola. Liberdade.

INTRODUÇÃO

A compreensão do espaço escolar como locus de dominação no qual os indivíduos estariam submetidos a formas coercitivas de poder constitui uma tendência nas pesquisas educacionais hodiernas. Essa tendência é fruto das análises de Foucault sobre os mecanismos de poder disciplinar¹ e biopolítica² nas sociedades modernas, que, segundo Veiga-Neto (2011), têm sido a principal referência para o campo da pesquisa em educação. Nesse sentido, uma série de trabalhos de dissertação e teses foi produzida evidenciando os mecanismos de poder operantes nesse espaço³.

A apropriação das análises dos mecanismos de poder no campo das pesquisas educacionais convergiu para o reconhecimento do espaço escolar apenas como locus de relações de dominação, com o predomínio de formas coercitivas de poder sobre as ações dos indivíduos. A escola, nessa noção, foi entendida, enquanto instituição de sequestro que retirava os corpos dos sujeitos do meio social mais amplo e os enclausuravam para inculcar-lhes modos de ser convergentes a um indivíduo necessário à sociedade moderna que se constituía. No entanto, a compreensão é parcial e relaciona-se a apenas uma faceta dos estudos de Foucault.

¹ Ver Foucault (2007).

² Ver Foucault (1994).

³ Valones (2003); Varela; Alvarez-Uria (1992).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Acreditamos que essa compreensão de escola seja restrita e não dê conta da complexidade das relações produzidas no espaço escolar. Apesar de reconhecermos a existência de práticas de disciplinamento, pressupomos que a escola não pode ser circunscrita simplesmente como local de dominação e controle, uma vez que podem ser reconhecidas algumas indicações de uma ressignificação perante as imposições. Dessa forma, o ambiente escolar apresenta-se como lugar complexo e que encerra conflitos: a mesma escola que disciplina os corpos pode abrir possibilidades ao exercício da liberdade.

É preciso, conforme diz Foucault (1995), analisar as instituições a partir das relações de poder que elas engendram e não o contrário. Para evitar determinismos estéreis, deve-se considerar a própria relação de poder para saber se esta potencializa ou não os espaços de liberdade. Com a introdução da noção de governo nas análises foucaultianas, é possível evidenciar o exercício da liberdade nas relações de poder. Uma vez que, nessa compreensão, só há governo numa relação entre pessoas livres.

O poder só se exerce sobre sujeitos livres – enquanto livres – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que tem diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações, diversos modos de comportamento podem acontecer (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Concebendo a escola como lócus de conflito e, por isso, também de possibilidades, propomos observar as tensões entre as relações de poder na escola. Interessa-nos saber como se dão as formas com que uns desejam agir sobre as ações do outro. Como os sujeitos constroem seus modos de conduzir e serem conduzidos, diante da complexidade de relações no contexto escolar? Pretendemos, assim, incitar uma discussão sobre as formas de condução que podem ampliar a experiência dos sujeitos nesse espaço que se coloca como espaço de transmissão, ampliação e construção de conhecimento.

Nossa investigação pauta-se em uma abordagem qualitativa, mais precisamente na aplicação da abordagem etnográfica ao estudo de um caso. Por meio dessa abordagem, é possível obter “uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade social complexa de múltiplas variáveis” (ANDRÉ, 2010, p. 59). Para caracterizar o estudo de caso, delimitamos uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) no município de Serra (ES) que, segundo a opinião dos professores da rede de ensino municipal, destaca-se em relação à disciplina e controle dos alunos. Com o auxílio etnográfico, optamos por enfatizar a construção dos processos, a valorização do significado que as pessoas atribuem às suas experiências e o reconhecimento de que o pesquisador não ocupa nenhum lugar de neutralidade diante do que pesquisa; pelo contrário, envolve-se com os espaços e os sujeitos da pesquisa. Por essa razão, adotamos a técnica da observação participante de momentos como: entrada e saída da escola, recreios, aulas de Educação Física e, também, reuniões do



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

corpo pedagógico para avaliar qual o lugar que as atitudes dos alunos ganham no planejamento dos trabalhos da escola.

Tivemos como foco da observação as práticas de uma professora de Educação Física com duas turmas das séries iniciais do ensino fundamental (primeiro e segundo anos) e as práticas de uma professora regente de classe com uma turma de terceiro ano. Já nos momentos de entrada, recreio, e saída, a ênfase foi dada às ações dos alunos perante o grupo de coordenadoras. O registro dos dados foi feito em diário de campo, complementado com o uso de um gravador. As gravações foram transcritas no diário, possibilitando a complementação e enriquecimento dos dados.

A NOÇÃO DE GOVERNO EM MICHEL FOUCAULT

A ênfase na noção de governo representa um deslocamento presente nos últimos trabalhos de Foucault. Para compreender o que isso representa, lembramos que o filósofo francês não concebe o poder como substância, nem como repressão, mas como exercício, como uma relação produtiva. Para evidenciar esse aspecto relacional e produtivo do poder, o autor passa a evidenciar os mecanismos e técnicas de poder com destaque para a disciplina, que opera no corpo do indivíduo; e o biopoder que incide no homem enquanto espécie. Esse tratamento incisivo dos mecanismos suscita a crítica de que Foucault não conferiu espaço para liberdade. Assim, o primeiro deslocamento na obra foucaultiana trata da relação entre poder e resistência, enfatizando a possibilidade desta e sua indissociabilidade do poder. Esse deslocamento é realizado, segundo Ortega (1999), dentro do próprio eixo do poder, assim como já sinaliza a saída de um modelo bélico de resistência e poder para o modelo de governo. E, por último, segundo Ortega (1999), Foucault se desloca do eixo do poder/governo para o eixo ser-consigo em que aborda o governo de si.

O poder, na analítica Foucaultiana, inicialmente analisado sob a perspectiva dos mecanismos de poder disciplinar e biopolítica, passa a ser pensado, sob a perspectiva da racionalidade política, a partir da introdução do conceito de governo. Segundo Sennelart (2008) nesse momento de seus estudos, Foucault trataria da temática do governo sob duas formas: o governo em um plano geral, que vai adquirindo progressivamente importância, e, a outra, mais proeminente, refere-se às práticas de governo político de modo mais específico.

No plano específico, governo refere-se às estruturas políticas e econômicas de gestão do Estado, ou melhor, refere-se “às técnicas de governo subjacentes à formação do Estado moderno” (SENNELART, 2008, p.531). Esse sentido de governo é o mais utilizado, a partir do momento em que, segundo Foucault (2008), as relações de poder são capturadas pela ciência política e progressivamente governamentalizadas.

Nosso propósito é trabalhar com a asserção sobre o governo em sentido amplo e geral, tal como era entendido no século XVI, quando não se referia apenas às estruturas



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

políticas e econômicas de gestão dos Estados, mas “[...] designava a maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos: governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes” (FOUCAULT, 1995, p.244). Neste texto, tomamos o governo como “o conjunto de modos de ação mais ou menos refletidos e calculados, porém todos destinados a agir sobre as possibilidades de ação dos indivíduos” (FOUCAULT, 1995, p. 244).

No intuito de evidenciar aquilo que há de mais específico na relação de poder, seja ela pedagógica, familiar ou em relação às estruturas institucionalizadas, Foucault (1995) introduz a noção de conduta como forma de captar essa especificidade. O governo sob a forma de conduta é definida como uma forma de “[...] estruturar o eventual campo de ação dos outros” (FOUCAULT 1995, p. 244). Ou seja, configura-se em determinado tipo de ação ou estratégia que visa a conduzir as ações dos outros, sem o uso de recursos violentos e repressivos.

O modo de relação próprio ao poder não deveria, portanto, ser buscado do lado da violência, nem da luta, nem do lado do contrato e da aliança voluntária (que não podem ser mais que instrumentos), mas ao lado deste modo de ação singular-nem guerreiro, nem jurídico- que é o governo (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Foucault (2008) enfatiza uma explosão e multiplicação das formas de governar ou conduta no século XVI, restritas à Igreja até a Idade Média. Essa explosão esteve, para ele, relacionada aos movimentos da Reforma Protestante e Contra Reforma e também ao esfacelamento das estruturas feudais, que não davam conta, segundo o autor, da complexidade das relações sociais emergentes naquele momento. Para Foucault (2008), no cerne desses movimentos, encontra-se a questão de como não ser excessivamente governado. Há, segundo ele, toda uma preocupação com as formas de governo que se expressavam nas seguintes questões: “Como se conduzir? Como conduzir a si mesmo? Como conduzir os filhos? Como conduzir as famílias? os filhos, a mulher” (FOUCAULT, 2008, p. 308).

Foucault faz emergir então, o problema da vontade individual como possibilidade de recusa a determinadas formas de condução. Essa vontade individual se ligaria a uma noção que Foucault (2006) trata em seus estudos sobre a Grécia Clássica, o cuidado de si, que se refere a um processo por meio do qual o indivíduo experimenta técnicas sobre si⁴, a fim de se transformar e atingir um modo de ser. Esse tema, do cuidado de si tinha renomada importância para os gregos que problematizavam a sua liberdade e existência, buscando fazer de sua própria vida, uma obra de arte. E isso, é claro, não poderia ser

⁴Ocuidado de si “[...] designa algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos configuramos. Daí uma série de práticas que são, na sua maioria, exercícios [...]. São, por exemplo, as técnicas de meditação; as de memorização do passado; as de exame de consciência; as de verificação das representações na medida em que elas se apresentam ao espírito, etc.”(FOUCAULT,2006,p.14-15).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

feito sob a égide da coerção, sob práticas abusivas de poder, mas a partir de regras que o próprio indivíduo escolheria para conduzir-se.

O exercício do cuidado de si, dessa forma, comportado um trabalho do indivíduo sobre si mesmo no intuito de constituir-se como sujeito moral dotado de um belo êthos, e, assim, poder exercer seu papel na cidade, ou seja, ocupar [...] o lugar conveniente – seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade (FOUCAULT, 2004, p. 271). Nesse sentido, o princípio do cuidado de si, versa que aquele que é capaz de cuidar adequadamente de si mesmo, poderia, [...] “por isso mesmo, ser capaz de se conduzir adequadamente em relação aos outros e para os outros” (FOUCAULT, 2004, p. 271).

A constituição de espaços de liberdade com o combate aos excessos de poder nas relações aparece como preocupação constante nas análises de Foucault que tematiza em seus estudos tardios uma ética da conduta individual, ou o governo de si, como forma de limitar as práticas abusivas de governo. Para Foucault (2004), a constituição de um governo de si como forma refletida da liberdade, pode desencadear uma atitude crítica que limitaria o governo de uns sobre os outros, partindo-se do pressuposto de que é preciso governar-se bem para assim, governar o outro.

Foucault (1978) denominou de atitude crítica a arte de não ser excessivamente governado. Não se trata, nesse sentido, de rejeitar qualquer tipo de direcionamento, ou a negação de qualquer tipo de institucionalização do poder, mas o questionamento sobre “como não ser governado assim, por isso, em nome desses princípios, em vista de tais objetivos e por meio de tais procedimentos, não dessa forma, não para isso, não por eles” (FOUCAULT, 1978, p. 3). Esta recusa, segundo Foucault passa necessariamente pela relação consigo, uma vez que, para o autor

Não existe nenhum ponto de resistência ao poder político mais útil e com mais prioridade [...] que o consistente na relação consigo. O cuidado de si aparece como uma conversão do poder, uma forma de manter o poder sobre controle (FOUCAULT 2004, p. 273).

Diante do exposto, atentamos com Foucault para a necessidade de discutir as práticas de condução dos sujeitos no espaço escolar, pois, conforme nos diz Foucault (1995), somente no exercício da relação é que podemos afirmar se estamos diante da liberdade ou da coerção. É preciso ressaltar também que o fato de se considerar a conduta como algo indeterminado de antemão não significa que não deva haver nenhuma espécie de condução na sociedade, e que todo poder é danoso. Para Foucault (2004, p. 284), não há problema nenhum “[...] na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais que o outro lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas”. O problema, nesse sentido, é a maneira pela qual as relações de poder são realizadas, ou mesmo, a necessidade de limitar os excessos de poder que “farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

um professor primário; um estudante, à tutela de um professor autoritário etc.” (FOUCAULT, 2004, p. 284-285).

ESCOLA: ESPAÇO COMPLEXO DE CONDUTAS DIVERSAS

Lembrando que a conduta é, segundo Foucault (1995), a relação na qual um indivíduo tenta dirigir a conduta do outro, vimos a escola abrir-se como um espaço complexo de condutas diversas, espaço de ambiguidades em que ações e reações diversas com intensidades e impactos diferenciados. Nesse sentido, os dados sinalizaram dois grandes horizontes. O primeiro compõe-se de condutas que se constroem a partir de contextos de dominação, e o outro, de condutas que sinalizam o exercício da liberdade. Por um lado, a escola evidencia contextos de dominação. Por outro lado, aparece como cúmplice do cuidado. Isso se materializa em ações de professores e alunos.

Como campo onde diversas condutas convivem, a escola está longe de ser um espaço homogêneo. Há disputas com objetivos diferentes: enquanto alguns pretendem controlar as condutas alheias, outros buscam conduzir-se de modo a vivenciar as experiências de diversas formas e não apenas sob o modo da disciplinarização, da rigidez. Às vezes, um mesmo sujeito oscila entre esses horizontes tão distintos. Além de haver conflitos entre as condutas diversas, convivem simultaneamente, coisas disparatadas, convive pessimismo, esperança, convive dominação, germens de liberdade. Isso nos leva a refletir sobre o que é essa escola na qual algumas condutas são afirmadas enquanto outras são negligenciadas e até mesmo recusadas. Instiga-nos, assim, a refletir sobre as implicações dessas formas de conduta para a experiência educativa nesse espaço. Quais as implicações dessas condutas em um espaço que se coloca como lugar de ampliação e construção de conhecimento? Qual o trabalho da Educação Física nesse interim?

Nesse sentido, é preciso um olhar mais atento para os corpos enquanto campo de inscrição de acontecimentos, como materialidades que se comunicam imediatamente com o outro. Estar atento ao que os alunos trazem ao espaço escolar é uma possibilidade de ampliar as experiências do conhecer na escola, tanto de professores, pedagogos, coordenadores e alunos.

É preciso repensar os controles do corpo e dos prazeres na escola e a sua relação com o processo educativo que se almeja nesse espaço. A assepsia das condutas em alguns momentos como nas aulas de Educação Física do primeiro ano e os recreios, é redutora das experiências dos alunos. O comer, por exemplo, mostrou-se, nos recreios da EMEF “Ordem e Progresso”⁵, uma atividade altamente controlada. Corpo, comer, sensações, prazer. Até que ponto o controle do corpo não é também um controle dos prazeres. E por que controlar os prazeres?

⁵ Nome fictício dado à escola em que realizamos a pesquisa.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Os dados mostraram, nesse sentido, um enrijecimento quase que estéril e ineficaz quanto a seus próprios objetivos. É preciso pensar até que ponto esse controle é uma necessidade ou é uma prática que a escola reproduz em sua rotina sem maiores reflexões. E, até que ponto as pessoas responsáveis pela organização do espaço escolar não foram disciplinadas e controladas por suas próprias condutas? É claro que as salas cheias, os horários tão marcados e, no caso da Educação Física, os escassos cinquenta minutos, conduzem, algumas vezes, a esse tipo de conduta que faz passar a regra por cima do viver, da experiência plena, da liberdade.

O desafio é pensar em não disciplinar as condutas a ponto de colocar regras de organização como princípios máximos de condução, uma vez que esse direcionamento exila outras condutas, muitas vezes criativas e renovadoras. O desafio reside em valorizar experiências, sinuosas, deslizantes e errantes, no outro e em si mesmo. Mas como fazê-lo, se a rotina, a rigidez nos constitui e enrijece?

Foucault(1979) nos incita a pensar o corpo como campo de marcas da história, campo de inscrição de acontecimentos, e, por isso, pode ser campo da descoberta e da liberdade. É preciso também potencializar essas forças, não apenas o corpo da biomecânica, dos movimentos padronizados, mas o corpo que dança e se move com intenção, desejo, vontade. A escola poderia dar um salto qualitativo, não como máquina de ensino, mas como espaço de experiências sensíveis tão necessárias a qualquer ser humano. Pensar cada espaço da escola e o espaço-escola como lócus de experiências sensíveis é um desafio e soa como uma provocação. Nesse sentido, era perceptível, na escola, como trabalhos com a dança, o teatro e a música, que são tidos como conhecimentos menores, potencializaram a participação dos alunos no espaço escolar. Dança, teatro, corpo: essa é uma tríade que mereceria ser explorada não só nas aulas de Educação Física, mas como expressões que potencializam as experiências de conhecimento.

Se o próprio corpo pedagógico está inserido em um tipo de racionalidade que o conduz àqueles tipos de intervenção, pelo lado dos alunos, há uma recusa àquela captura que se torna, na verdade, um empecilho à captura total dos mesmos por essa lógica. Diante de comportamentos “não ideais”, a escola parece construir apenas uma saída: a da punição, a da afirmação maior da disciplina e da dominação. A nosso ver, alguns desses comportamentos podem representar uma ameaça ao convívio respeitoso entre os diversos sujeitos. Mas, é preciso observar quais são; pois, de outro lado, várias condutas “não ideais” podem não representar, de fato, uma ameaça a isso. O problema é que, na medida em que essa saída única é afirmada tantas vezes e de modo tão arbitrário, ela perde sua credibilidade e mostra a sua face de ineficácia dentro dos objetivos para os quais ela existiria.

Com o desequilíbrio da relação de poder que se instalou em diversos momentos na escola, a instituição de um governo de si pelos sujeitos colocou-se como obstáculo ao controle total de suas condutas. Quer seja recusando-se a aceitar uma verdade, ou um comportamento agressivo com um colega mais fraco. Por outro lado, as condutas



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

realizadas com excessos de poder, conforme nos diz Foucault (2004), denotariam uma ausência de cuidado de si, uma vez que só se pode governar bem aos outros quando se governa bem a si mesmo.

Limitar os excessos nas relações de poder, para construir, outros tipos de relação torna-se fundamental para a ampliação das experiências educativas no espaço escolar. É nesse espaço e tempo que se tornam necessárias atitudes críticas que conduzam ao exercício da liberdade. Essa atitude crítica apontaria a necessidade de desnaturalizar algumas condutas. Desnaturalização que Foucault não deixa de fazer em seus estudos, não como um niilismo que destrói tudo do qual alguns o acusam. Mas desnaturalização como reflexão do que somos para recusar aquilo que somos, e assim, vislumbrar ações possíveis. Nesse sentido, observar também o que suspende a rigidez e surpreende, como uma coordenadora que dança no meio de uma roda de alunos. As brechas também podem ser ampliadas.

As burlas dos alunos revelam a ineficácia da pretensão de controle das condutas em diversos momentos observados. Vistas como indisciplina, na verdade, afirmam esses corpos como sujeitos, e como tais, [...] “tem diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações, diversos modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 1995, p. 244). Ou seja, diante daquilo que lhes é apresentado ou imposto, o humor, o riso, saltos, estrelinhas e cambalhotas são possibilidades criadas. É preciso, conforme Foucault nos diz, nos afirmar enquanto força criativa.

Mas também a intensidade com a qual foram realizadas, essas burlas levantam questões sobre a produção das subjetividades no espaço escolar: que tipo de sensibilidade a escola tem evocado a partir de suas condutas? Da renúncia de si e do outro enquanto sujeito? Da condução pela via da obediência? Para qual estética isso aponta? Penso que o desafio na escola é conduzir os alunos para a transmissão, construção e ampliação de conhecimentos, com o mínimo de coerção.

Na relação de poder como conduta, situa-se, segundo Foucault (1995), a teimosia da liberdade, provocando, obstaculizando a pretensão de captura total dos corpos e almas dos indivíduos. A teimosia da liberdade se expressa na conduta ética de recusa da violência ao mais fraco, nas burlas dos alunos, nas escolhas e recusas de um controle total por meio de um governo de si, na atitude crítica. Mais ainda, a liberdade é feita na discussão, na problematização do presente, e, a partir dessa problematização, com um olhar para dentro do espaço escolar, com o vislumbrar de possibilidades junto daqueles que o compartilham.

Foucault (2010) afirma como tarefa da filosofia a realização de um diagnóstico da atualidade. E o que tentamos aqui, mesmo que parcialmente, senão um inventário-diagnóstico das condutas no espaço escolar? Como inventário de condutas que se inserem nesse tempo presente, da vida presente, de homens, mulheres, e crianças presentes que compõem com sua vida essa atualidade nesse espaço chamado escola.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Esse diagnóstico do presente a partir da concepção de Foucault vislumbraria possibilidades de ação. Não como quem observa de fora, mas como um espelho no qual podemos nos ver e perguntar, quem somos nós, o que fazemos nesse presente, e o principal, o que podemos fazer. É a partir desse diagnóstico que podemos almejar saídas diferentes. Saídas diferentes da disciplinarização de alunos e professores, para compor uma escola que potencialize e dê vazão à vida. Saídas diferentes da dessensibilização naturalizada na escola e nessa sociedade, que não reconhece no outro, o si mesmo. Saída diferente da conduta que [...] “separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo” (FOUCAULT, 1995, p. 235).

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 17. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. História da sexualidade I - A vontade de saber. Lisboa: Relógio D'água, 1994.

_____. O sujeito e o poder. In: DREUFUS H; HABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Hermenêutica do sujeito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **O governo de si e dos outros: curso no collège de France**. (1982-1983). São Paulo WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **O que é crítica?** Tradução Gabriela Lafetá Borges.

Conferência proferida em 27 de maio de 1978. Disponível em: www.unb.br/fe

[/tef/filoesco/foucault/critique.html](http://tef/filoesco/foucault/critique.html).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

SENNELART, M. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 495-538.

VALONES, N. M. A. O poder disciplinar no cotidiano escolar. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

VARELA, J.; ALVAREZ-URIA, F. A maquinaria escolar. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n 6, 1992. p.225-246.

VEIGA-NETO, A.; SARAIVA, K. Educar como arte de governar. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.1, pp.5-13, Jan/Jun 2011.